

O USO DE CLASSIFICADORES EM “DIA INTERNACIONAL DA MULHER”, DE RIMAR SEGALA: ANÁLISE DE UMA PRODUÇÃO LITERÁRIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

THE USE OF CLASSIFIERS IN “DIA INTERNACIONAL DA MULHER”, BY RIMAR SEGALA: ANALYZING A LITERARY WORK IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Nayara Piovesan Ribeiro Bartolomei 1
Vinícius Carvalho Pereira 2

Resumo: *Observa-se nas últimas duas décadas uma crescente demanda por estudos sobre produções literárias na Língua Brasileira de Sinais - Libras, os quais precisam ainda lançar as bases para tal campo, definindo corpora, métodos analíticos e referenciais teóricos que contemplem as especificidades das línguas de modalidade visual, a fim de não reproduzirem um paradigma ouvintista que inferiorize a literatura surda. Nessa perspectiva, o presente artigo analisa o uso de morfemas classificadores no texto “Dia internacional da mulher”, produzido pelo artista surdo Rimar Segala, a fim de identificar como tal recurso linguístico, particularmente importante para as línguas de sinais em virtude de sua potência de descrição visuo-espacial, funciona na criação de imagens poéticas por iconicidade. Como resultado, evidenciamos que o uso de classificadores em passagens específicas do texto analisado destaca o valor simbólico das imagens poéticas que eles designam e rompe com convenções lexicais da Libras, desencadeando uma desnaturação estética da percepção frente à língua.*

Palavras-chave: *Produções literárias em Libras. Classificadores. Rimar Segala.*

Abstract: *In the last two decades, there has been a growing demand for studies on Literature in Brazilian Sign Language – Libras. Such studies still need to define the grounds of the field, by defining corpora, analytical methods and theories that meet the specificities of visual languages, so as not to reproduce a hearist paradigm that lowers deaf literature. This paper presents an analysis of the use of classifier morphemes in “Dia internacional da mulher”, by Rimar Segala, so as to identify how this linguistic resource, of particular importance to sign languages due to its possibilities of visual-spatial description, helps creating poetic images through iconicity. As a result, we evidence that the use of classifiers in specific moments of the text analyzed highlights the symbolic value of the poetic images they name and transgresses lexical conventions of Libras, thereby triggering an aesthetic denaturalization of how one sees the language.*

Keywords: *Literary works in Libras; Classifiers; Rimar Segala.*

Doutoranda em Estudos Literários pelo programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Especialista em Prática e Tradução/ Interpretação da Libras pela Universidade do Oeste Paulista. Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal de Mato Grosso. Graduada em Letras- Libras Licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso. Certificada no 7º Exame Nacional de Certificação em Proficiência no Ensino da LIBRAS (PROLIBRAS) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso no curso de Letras Libras. E-mail: nah_piovesan@hotmail.com

Doutor e Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel e Licenciado em Letras Português- Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Estágio pós-doutoral na Universidade de Nottingham (UoN), no Reino Unido. Atua principalmente nas seguintes áreas: Línguas Estrangeiras Modernas; Literatura Moderna e Contemporânea; Literatura, Mídia e Tecnologia; Semiologia. E-mail: viniciuscarpe@gmail.com

Introdução

Os estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, ganharam maior destaque na academia a partir da promulgação da Lei 10.436, de 2002, que a instituiu como forma legal de comunicação entre e/ou com sinalizantes surdos. Tais pesquisas, mais frequentes na área da Linguística, têm buscado identificar e classificar as estruturas morfossintáticas da Libras a fim de descrever seu sistema, bem como reforçar e valorizar, cada vez mais, seu *status* de língua.

A trajetória dos estudos linguísticos da Libras é marcada principalmente pelo destaque a estruturas assemelhadas, por uma abordagem comparativa, às já descritas para línguas orais, sobretudo a Língua Portuguesa. Há, por outro lado, um movimento epistemológico no sentido de promover abordagens comparativas entre distintas línguas de sinais, como, por exemplo, a Língua Americana de Sinais (ASL) ou a Língua de Sinais Francesa (LSF), com vistas à redução de um paradigma ouvintista – aquele que toma as culturas ouvintes e as línguas orais como padrão a partir do qual as culturas surda e as línguas de sinais são vistas como formas marcadas, menores ou deficientes (PERLIN, 1998).

Com o crescente uso da Libras como forma de comunicação entre sinalizantes brasileiros e com o aumento das pesquisas referentes à sua estrutura gramatical, os estudos sobre produções literárias nessa língua também vêm começando a aparecer no Brasil. Mesmo que ainda em números tímidos, já podemos encontrar nas primeiras décadas do século XXI pesquisas que identificam e analisam as estruturas imanentes dessas produções (KLAMT, 2014; MACHADO, 2013; 2017), ou que se preocupam em evidenciar a relação dialética entre a cultura/identidade surda e a literatura em Libras (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006; SILVEIRA; MOURÃO, 2009; MOURÃO, 2011).

No entanto, a maior parte dos estudos dessa natureza também está ainda demasiado colada nos referenciais teóricos para a análise de literatura de línguas orais, sobretudo no que tange a pressupostos formalistas intimamente relacionados à relação entre língua e som (ou sua representação gráfica). Fato é que as duas principais pesquisas sobre elementos formais das produções literárias em Libras (KLAMT, 2014; MACHADO, 2013) se preocuparam em identificar características caras a poemas nas línguas orais, como a rima e o verso. Às produções identificadas nessas pesquisas foi conferido o *status* de poema porque nelas puderam ser encontrados elementos que também se evidenciam na produção literária das línguas orais. O mesmo caminho para análise dessas produções em Libras também já foi adotado por nós em outros estudos (RIBEIRO; PEREIRA; SOUZA JÚNIOR, 2016), mas, como poderá ser observado no decorrer deste artigo, não é mais esse o paradigma adotado em nossa pesquisa.

Por outro lado, cumpre ressaltar a dificuldade de delimitar os gêneros literários da Libras, empreitada que foi recentemente conduzida em *Antologia da poética em Língua de Sinais Brasileira* (MACHADO, 2017), mas com muitas lacunas no que tange aos critérios de classificação, posto que estes ainda são esteados na teoria literária das línguas orais. Nesse sentido – e considerando a difícil aplicação dos conceitos de prosa e poesia para línguas de sinais –, optamos neste trabalho por nomear os registros artísticos em vídeo como “produções literárias em Libras”, definindo-os pela língua em que se constituem, e não pelo gênero em que se manifestam.

Se os Estudos Culturais vêm mostrando desde a segunda metade do século XX que as formas artísticas descritas pela Teoria Literária canônica – em sua matriz sobretudo europeia, branca, masculina, heterossexual e cisgênera – impõem uma limitação de perspectiva, corpus e abordagens à pesquisa em literatura, cumpre somar “ouvintista” a essa lista de adjetivos. Nesse sentido, um desafio que precisa ser enfrentado na análise da produção literária em Libras é buscar, cada vez mais, uma teoria da literatura que considere que essas produções devem ser analisadas por um paradigma que elas mesmas colocam, e não por comparação hierarquizante às línguas orais.

Para tanto, propomos, neste trabalho, uma análise de diferentes elementos sógnicos da produção literária em Libras “Dia internacional da mulher”, do autor surdo Rimar Segala (2009), enfocando o uso de morfemas classificadores. Considerando que se trata de recurso linguístico existente em algumas línguas orais, mas universal e altamente produtivo nas línguas de sinais, com funcionamento marcado por sua precípua visualidade, a definição do foco deste estudo se coaduna com a perspectiva de que a literatura em Libras deva ser analisada em suas especificidades, e não sob uma aparente generalidade epistemológica de “universais literários”.

Na introdução deste artigo, fizemos uma breve exposição sobre desafios atuais aos estudos

literários em Libras. Na próxima seção, procederemos à discussão do conceito de classificadores. Em seguida, passaremos à análise do vídeo de Segala, destacando o uso dos classificadores e demais recursos linguísticos imagéticos na constituição artística de sua narrativa. Por fim, apresentaremos as conclusões e referências deste trabalho.

Os classificadores na Língua Brasileira de Sinais

Como já evidenciado por inúmeros estudos linguísticos (FELIPE, 1989; QUADROS, 1999; FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004), não há mais dúvidas de que a Libras é um sistema linguístico completo e complexo, podendo ser usado pelos sinalizantes para expressar todo e qualquer tipo de pensamento com vistas à comunicação. É certo, então, afirmar que, através da Libras, seus usuários podem se expressar também artisticamente, o que implica dizer que há uma produção literária em Língua Brasileira de Sinais.

Dada a natureza eminentemente visual e não escrita das línguas de sinais¹, há ainda pouco registro das manifestações artísticas produzidas exclusivamente em Libras, uma vez que estas, por mais que datem a tempos imemoriais, não sobreviveram ao silenciamento que as manifestações culturais surdas sofreram ao longo da história, conforme documentado em Lane (1989), ou à pouca ou nenhuma tecnologia anterior ao século XX para registro de imagens em movimento. Porém, com a crescente luta por empoderamento da comunidade surda e por visibilidade de sua cultura, bem como o advento das tecnologias de captação, registro e compartilhamento de imagens e vídeos, o número de produções artísticas em Libras vem crescendo exponencialmente, colocando novas demandas aos estudos literários.

Assim como nas línguas orais, a produção literária das línguas de sinais explora os mais diversos recursos linguísticos a fim de alcançar efeitos estéticos. Podemos encontrar nas manifestações artísticas em Libras um uso criativo das estruturas linguísticas, como, por exemplo, na alteração e/ou repetição dos parâmetros formacionais² dos sinais. Reconhecemos, assim, que as manifestações literárias em línguas de sinais utilizam recursos inerentes ao código e, mais do que isso, trapaceiam o jogo linguístico por meio de suas próprias regras, transgredindo o fascismo da língua de que tanto falara Barthes (1977). Entre os recursos linguísticos de que se valem tais produções, merece destaque o uso intensificado de morfemas classificadores para fins expressivos, ressaltando a visualidade constituinte das línguas de sinais.

Tradicionalmente, a Linguística Geral conceitua classificadores como afixos utilizados em algumas línguas orais asiáticas, africanas e indígenas australianas e americanas para indicar a que classe nominal pertence determinada palavra (DUBOIS *et al.*, 1978), ou para expressar a classificação de um nome (CRYSTAL, 1980). No entanto, no âmbito das línguas de sinais, a definição dessa classe morfêmica torna-se bem mais complexa, haja vista sua produtividade no que tange à representação visual de sentidos associados a verbos e nomes.

Segundo Faria-Nascimento,

Morfologicamente, um classificador, em Língua Brasileira de Sinais, realiza-se de forma idêntica a uma unidade lexical. Ele é constituído dos mesmos componentes de uma unidade lexical da Libras (CM, OP, PA, Mov. e ENM) e submete-se às mesmas regras de construção lexical das palavras em Libras. Por causa dessas semelhanças, eventualmente, ambos (classificadores e unidades lexicais) confundem-se. A diferença básica entre uma unidade lexical simples e um classificador, portanto, reside ora no papel descritivo e especificador que o classificador exerce no discurso, ora na função sintática e semântica que ele ocupa

¹ Embora haja sistemas de escrita de sinais como o SignWriting e ELiS, desenvolvidos por Valerie Sutton em 1974 e Mariângela Estelita Barros em 1997, respectivamente, estes são pouquíssimo usados pelas comunidades surdas brasileiras e pouco presentes nos sistemas educacionais.

² Segundo Quadros e Karnopp (2004), em Libras podemos encontrar cinco parâmetros de formação dos sinais. São eles: as configurações de mão (CM), a locação (L) ou ponto de articulação (PA), o movimento (M), a orientação da mão (Or) e as expressões não manuais dos sinais (ENM), que incluem as expressões faciais e corporais. À medida que os estudos sobre os parâmetros das línguas de sinais, incluindo a Libras, foram avançando, foi possível concluir que o único parâmetro que imprime significado quando realizado de forma isolada é o das expressões não-manuais.

na estrutura em que se insere. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 117)

Segundo Barros (2015), os classificadores têm grande importância na composição da visualidade inerente à Libras, sendo morfemas frequentemente usados por sinalizantes para explorar “morfologicamente o espaço multidimensional onde os sinais são realizados” (BARROS, 2015, p. 39). Dessa forma, pode-se dizer que “classificadores oferecem uma janela única no que concerne aos estudos de como os seres humanos constroem representações do mundo e de como eles as codificam nas palavras em suas línguas” (GRINEVALD, 2004, p. 97 *apud* MENDONÇA, 2012, p. 2).

Mendonça (2012) faz uma retrospectiva das pesquisas sobre o uso desses recursos em línguas de sinais. Segundo a autora, os primeiros relatos sobre os classificadores surgiram de forma tímida nos estudos de Klima e Bellugi (1979) e, embora os autores não os tivessem descrito com detalhes, já falavam da sua existência na ASL. No Brasil, os estudos acerca do tema tiveram início com Ferreira-Brito (1995) e seguiram com Felipe (1998, 2002), Veloso (2005, 2008, 2010), Faria-do-Nascimento (2009) e Mendonça (2012). Quando da elaboração do presente artigo, consideramos as definições e categorias de classificadores apresentadas por Faria-do-Nascimento (2009) para a Libras. Com base nessa breve apresentação da categoria dos classificadores – a qual não se pretende exaustiva, e sim apenas suficiente para fins de investigação literária em Libras –, procede-se na seção a seguir à análise do texto “Dia internacional da mulher”³, de Rimar Segala.

O uso de classificadores de “Dia internacional da mulher”

Rimar Segala é um artista surdo muito conhecido na comunidade brasileira de Libras. Através de seu canal no Youtube e de sua companhia de teatro, Arte e Silêncio, o artista produz e compartilha produções literárias, sobretudo narrativas⁴, em língua brasileira de sinais.

O vídeo “Dia internacional da mulher” foi publicado no *Youtube* em 07 de março de 2009 e tinha, quando da elaboração deste artigo, em agosto de 2018, um pouco mais de 22 mil visualizações. A produção narra de forma breve (1min55s), dramática e metafórica um evento crucial na história dos movimentos feministas: o incêndio de uma fábrica de tecidos em Nova Iorque, em 8 de março de 1911, no qual várias trabalhadoras morreram queimadas.

O curto enredo se centra na descrição das precárias condições de trabalho, nas queixas das mulheres, na opressão do patrão, na ocorrência do incêndio e na mortandade pelo fogo. Polifônica, a narrativa é integrada por três vozes diferentes: o narrador, as mulheres trabalhadoras e o patrão da fábrica. A troca dos pontos de enunciação das personagens é marcada pela mudança no posicionamento do sinalizante. Para marcar as falas do narrador (00:30-00:37) e das mulheres (00:38-00:40) no início da narrativa, o sinalizante se posiciona no centro da imagem, mas, quando o diálogo acontece entre o patrão e as mulheres, o sinalizante assume duas posições diferentes, uma à esquerda e a outra à direita (00:46-00:48), respectivamente.

É interessante notar que, ao longo de todo o vídeo, há uma predominância do uso de classificadores em detrimento dos sinais: isso confere à produção um caráter visual muito forte e marcado, tornando-a acessível até mesmo para aqueles que não têm proficiência em Libras. Ademais, tal fato garante ao vídeo imanência artística na medida em que a construção da narrativa se vale de recursos linguísticos que rompem com uma série de convenções da Libras, operando o logro à língua que Barthes (1977) chamara de Literatura.

Antes de passar à análise dos classificadores, cabe informar que a maioria das pesquisas que evidenciam fenômenos recorrentes na estrutura da Libras, a partir da análise de vídeos, valem-se de capturas de tela para apresentar tais características. No entanto, neste trabalho optamos por não utilizar tal recurso, o qual não reproduziria o movimento dos sinais; preferimos, em vez disso, fazer referência aos intervalos de tempo do vídeo em que ocorrem os fenômenos descritos, a fim de que o leitor possa acessar a URL da mídia digital e acompanhar a execução dos sinais analisados.

3 O vídeo está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZjVnIV1wDmE>. Acesso em: 10 de agosto de 2018. Sugere-se, com vistas à clareza, a leitura do presente artigo acompanhada do vídeo.

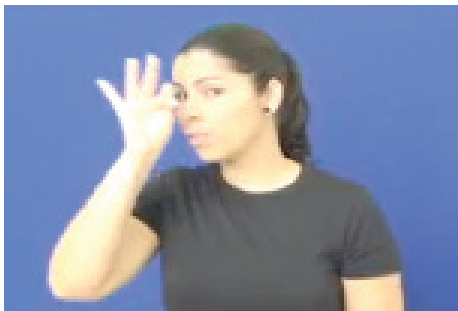
4 Apesar de não encontrarmos pesquisas que evidenciem as características próprias do gênero narrativo em Libras, usamos neste trabalho o termo para identificar produções que apresentam enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

Inicialmente, merece destaque o espaço onde foi realizada a filmagem, o qual empresta um tom informal à produção: como se nota no mobiliário atrás do sinalizante, o vídeo foi gravado no que parece ser um auditório, e não em estúdio próprio para tal finalidade. A postura corporal do artista, com menor rigidez do que a tradicionalmente adotada em sinalizações de gêneros formais, aliada ao uso de anel e relógio – acessórios incomuns em vídeos de esferas institucionalizadas –, também marca uma seleção mais expressiva e menos convencional dos elementos a serem enquadrados na cena. Isso revela forte tom autoral do texto, bem como a veia teatral que marca a carreira de Segala, revelada em sua performance de contação da história.

Outro elemento que confere certa informalidade, bem como proximidade ao público que está assistindo ao vídeo, é o fato de este começar com duas sinalizações diretas à câmera (00:01-00:04), como se o sinalizante olhasse para as pessoas através da lente. Há então um movimento de aceno (00:01-00:04) como forma de cumprimento e uma sinalização para que a(s) pessoa(s) por trás do vídeo espere(m) por algo que ele irá pegar no chão. Ao oferecer o que parece ser uma flor (00:09) – indicada pelo sinal PEGAR com um classificador de forma, sugerindo a haste vegetal; e pelo sinal CHEIRAR, modificado por um classificador de corpo, denotando a reação à fragrância –, o sinalizante recebe em resposta um reiterado movimento rápido de câmera para os lados (00:09-00:12), representando a perspectiva de um espectador que estivesse recusando a flor ofertada. Tal quebra da quarta parede, logo no início do vídeo, indica como o espectador deve compreender a narrativa que virá a seguir, a qual acaba por contrair função referencial, narrando a história do incêndio à fábrica, e apelativa, argumentando contra a recusa da flor por parte da câmera.

Observando um pouco mais de perto a sinalização referente à flor, signo que conecta a primeira parte do vídeo – a interação com o espectador – e a segunda – a narrativa do incêndio –, cumpre destacar que o sinalizante optou por não utilizar a forma dicionarizada (Figura 1), e sim classificadores que representassem iconicamente o presente a ser ofertado à câmera, referindo-se ora a seu formato (pela configuração manual), ora a seu perfume (pela expressão facial).

Figura 1: Sinal de FLOR



Fonte: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, 2011

Ainda a respeito desses classificadores, é lícito supor, com base no formato da mão (00:08), que as flores representadas no início e no final do vídeo (01:20) são rosas. Finda a história, o sinalizante retoma a interlocução com os espectadores, presenteando-os com um buquê de oito rosas colhidas do chão, em clara referência ao dia 8 de março, escolhido para celebrar o Dia Internacional da Mulher em virtude do incêndio narrado. Nesse sentido, verificamos que uma das mensagens subjacentes à produção é a ressignificação da rosa, que deixa de ser um simples presente propalado pelo capitalismo no dia das mulheres – muitas vezes desvinculado de verdadeiro respeito a elas – e retoma sua motivação como símbolo do feminismo.

Se tal processo de ressemantização se opera pela estrutura narrativa, também o faz pela seleção lexical do sinalizante ao valer-se de um classificador para constituir a imagem central de seu texto. A escolha por essa estrutura linguística, referindo-se ao símbolo da luta das mulheres de forma não convencional, garante ao texto uma evidente marca estilística e um interessante processo de dupla desnaturalização: afinal, para desconstruir o imaginário do senso comum sobre o dia internacional da mulher, o sinalizante lança mão de uma forma inesperada para referir-se visualmente à flor dentro de sua língua.

Podemos também notar que, no decorrer do vídeo, há uma predominância da alteração e intensificação de dois parâmetros formacionais – movimento e expressões não-manuais –, criando um efeito de ritmo que imprime no espectador a sensação de acompanhar de perto os eventos narrados. Segundo Valli (1993 *apud* PORTO, 2011) e Sutton-Spence (2005, p.44 *apud* PORTO, 2011), o ritmo em língua de sinais é criado principalmente pela alternância no parâmetro formacional do movimento dos sinais e na passagem de um sinal para outro.

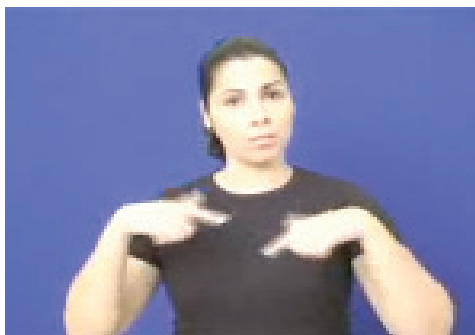
É interessante notar que, até o presente momento, os estudos que investigaram o ritmo nas produções literárias em Libras fizeram-no apontando para a ocorrência de tal fenômeno em textos categorizados pelos pesquisadores como poemas. Podemos perceber, porém, que outras produções literárias, mesmo as eminentemente narrativas, também se utilizam de tal recurso, o que ressalta a limitada aplicabilidade das tradicionais distinções entre poesia e prosa para línguas de sinais. Se significativa zona de indeterminação entre essas categorias já fora definida pela teoria da literatura para as línguas orais sob o nome de prosa poética ou poema em prosa, na modalidade visuo-gestual a indefinição é ainda maior, haja vista a inexistência do parâmetro mais simples de distinção: a disposição de signos gráficos ao longo de linhas horizontais em uma página.

Em “Dia internacional da mulher”, a alternância rítmica no movimento da sinalização, em consonância com a intensificação da expressão facial e corporal, acontece de duas formas: por aceleração (00:37-00:40, 00:49-00:53, 00:57-00:59), aumentando a tensão do evento narrado; e por desaceleração (00:24-00:26, 00:31-00:33, 00:42-00:44, 00:44-00:46), gerando um anticlímax que transmite ao público a atmosfera de desânimo da cena.

Quando o narrador constrói a cena das operárias nas estações de trabalho, podemos notar uma diminuição no ritmo da execução dos sinais HORA e TRABALHO (00:42-00:46), conotando que a jornada laboral a que as mulheres eram submetidas na fábrica era exaustiva e arbitrária. Logo depois, quando o sinalizante reproduz a fala do patrão, a alternância entre os sinais de HORA e TRABALHO é feita de modo acelerado (00:51-00:53), dramatizando a exigência de que a jornada de trabalho fosse longa e produtiva. Tal trecho da narrativa (00:57-00:59) é fechado com nova queda na velocidade da sinalização, agora ligada à realização de CANSAD@, intensificada pela expressão facial do artista.

Nessa cena, o sinalizante optou por novamente lançar mão de classificadores, mas agora para amplificar os sentidos do sinal dicionarizado de TRABALHO (Figura 2). A unidade lexical convencionada aparece pela primeira vez em 00:36 para construir a imagem das mulheres em atividade laboral na fábrica e, no segundo imediatamente seguinte, é complementada por classificadores que constroem visualmente a superfície das estações de trabalho e/ou da esteira onde o tecido é produzido.

Figura 2: Sinal de TRABALHAR



Fonte: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, 2011

Logo em seguida (00:37-00:40/00:44-00:46/00:54-00:56), o trabalho das mulheres é representado por meio do sinal PEGAR, realizado com um classificador que indica a forma do objeto que passava de mãos em mãos entre as trabalhadoras e cada vez mais rapidamente, a mando do patrão. Sua repetição acelerada conota o caráter maquinal e o ritmo desumano a que eram submetidas as operárias, antecipando em certa medida o desfecho trágico da narrativa.

Considerando a arquitetura geral do texto, interessante é notar que os dois elementos

narrativos representados por classificadores – a rosa e o trabalho – são justamente aqueles que transcendem as cenas em que figuram e ganham valor simbólico relativo à luta das mulheres pela sobrevivência no dia do incêndio e em todos os demais dias, até hoje. A significação de tais elementos é percebida ainda com mais clareza se considerarmos que ambos estão intimamente relacionados à mão – para a oferta de um ramallete ou para a labuta –, signo que se reveste de conotações metalinguísticas e identitárias em produções literárias em línguas de sinais.

Considerações finais

Antes de encerrarmos as discussões propostas neste artigo, é importante ressaltarmos uma limitação de trabalho que se proponha a analisar, em língua oral, uma produção literária desenvolvida em língua gestual: a diferença de modalidades implica lacunas que não podem ser preenchidas a contento, com fenômenos que se descaracterizam parcialmente quando da transposição intersemiótica, como em qualquer processo tradutório.

Tal dificuldade já nos diz muito sobre desafios inerentes à análise dessas produções nos moldes chancelados pela academia, cujos protocolos de produção e divulgação científica são ainda hoje quase que indissociáveis do registro escrito de saberes formulados em línguas orais. Produzir uma análise da literatura em Libras postula, a médio e longo prazo, a demanda por teorias que deem conta de produções artísticas em línguas de sinais e por espaços acadêmicos de produção e circulação de saberes nessa modalidade.

Como pretendemos mostrar nesta análise, enfocando o uso de classificadores no vídeo “Dia internacional da mulher”, de Rimar Segala, o texto literário em Libras é portador de sentidos construídos por expedientes linguísticos específicos da modalidade visual, os quais carecem de estudos mais aprofundados para formulação de parâmetros replicáveis de análise. No que diz respeito aos classificadores, o uso de tais morfemas, em lugar de formas dicionarizadas de sinais (ou junto a elas), imprime ao texto maior expressividade e marcas estilísticas evidentes, em que o sinalizante busca meios criativos para instanciar no discurso literário entidades do mundo ficcional – a flor e o trabalho, mais especificamente, no vídeo aqui analisado. Ao lançar mão de classificadores para representação de tais elementos, Segala destaca ainda o valor simbólico das imagens poéticas que eles designam e rompe com convenções lexicais da Libras, desencadeando uma desnaturação estética da percepção frente à língua.

Referências

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BARROS, T. P. B. **Experiência de tradução poética de português/libras: três poemas de Drummond**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade de Brasília. 2015

CRYSTAL, D. **A First Dictionary of Linguistics and Phonetics**. Boulder: Westview, 1980.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. 2011. Disponível em <<https://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>>. Acesso em setembro/ 2018.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

FARIA DO NASCIMENTO, S. P. de. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: Uma proposta lexicográfica**. Brasília: UnB/ Instituto de Letras, Departamento de linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, 2009.

FELIPE, T. A. **A estrutura frasal na LSCB**. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989, p.663-672

FELIPE, T. A. **A Relação Sintático-Semântica dos Verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Tese de Doutorado em Linguística -- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras,

Pós-Graduação, Departamento de Linguística, 1998.

FELIPE, A. T. **“O sistema de flexão verba na LIBRAS: Os Classificadores enquanto Marcadores de Flexão de Gênero”**. In: *Anais do I Congresso Internacional do INES VI Seminário Nacional do INES*. Rio de Janeiro: Edição INES, 2002. p. 37-58.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

KLAMT, M. M. **O ritmo na poesia em Língua de Sinais**. Florianópolis, 2014. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of Language**. Massachusetts: University Press, 1979.

LANE, H. **When the Mind Hears: a History of the Deaf**. Nova York: Vintage Books, 1989.

MACHADO, F. de A. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. 149 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MACHADO, F. de A. **Antologia da Poética em Língua de Sinais Brasileira**. 2017. 241 f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

MENDONÇA, C. S. S. S. **Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores**. Brasília, 2012. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2012.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais**. Porto Alegre, 2011. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre. 2011.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Medição, 1998.

PORTO, S. B. **Análise de poesias em língua de sinais**. In: Estudos Surdos: diferentes olhares. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SEGALA, R. Dia internacional da mulher. 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZjVnIV1wDmE>>. Acesso em 10 ago 2018.

SILVEIRA, C. H.; MOURÃO, C. H. N. **Literatura infantil: música faz parte da cultura surda?** In: Seminário Nacional de Educação, Inclusão e Diversidade, 2009, Taquara: FACCAT, 2009.

SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R.M. **Poesias em língua de sinais: traços da identidade surda**. In: Estudos surdos I / Ronice Müller de Quadros (org.). – [Petrópolis, RJ]: Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil. PUC/RS. Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RIBEIRO, N. P.; PEREIRA, V. C.; SOUZA JÚNIOR, F. V. A ausência do som e a performance do corpo: criação de ritmo nos poemas em Língua Brasileira de Sinais. **Revista Texto Poético**, v12, n21, 2016. Disponível em <<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/issue/view/30/showToc>>. Acesso em 20 set 2018.

VELOSO, B. Classificadores e Estrutura Argumental na Língua de Sinais Brasileira. In: **Estudos linguísticos Grupo de Estudos Surdos e Educação**. Campinas, v. 34, p. 521 – 526, 2005.

VELOSO, B. **Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de sinais brasileira**. 2008. 172f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VELOSO, B. Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira. In: SALLES, H. M. M. L. A.; NAVES, R. R. (Org.). **Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

Recebido em 11 de outubro de 2018.

Aceito em 6 de novembro de 2018.